

**Trabalho apresentado no IV Encontro Latino
Americano do Estados Gerais da Psicanálise - realizado
nos dias 04,05 e 06 novembro de 2005**

Narrativas: O Gesto do Sonhador Brincante

Tânia Maria José Aiello Vaisberg¹

Maria Christina Lousada Machado²

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Resumo

No entender das autoras, o uso de narrativas por meio das quais o acontecer clínico pode ser presentificado é uma estratégia investigativa que, mantendo-se radicalmente fiel ao método psicanalítico, vem demonstrando notável vitalidade num registro heurístico. Cultivando a atenção flutuante, o sonhador brincante é o próprio clínico que se deixa tocar pelo encontro vivido com seu paciente, para depois comunicá-lo a seus pares sob a forma de narrativas. Estas se assemelham a sonhos, entendidos essencialmente como visitas do drama existencial, a partir das quais é possível “brincar”, tanto no momento da elaboração do relato experiencial, quanto no momento da interlocução com outros profissionais, uma vez que a narrativa tem o dom de jamais esgotar os possíveis sentidos emocionais de um encontro terapêutico, em si mesmo transbordante.

Palavras Chave

Investigação em Psicanálise – Winnicott – Estilo Clínico Ser e Fazer – Narrativas

Narrativas: El gesto del soñador brincante

Las autoras defienden la idea de que el uso de narrativas por medio de las cuales el suceder clínico puede ser presentificado es una estrategia de investigación que, manteniéndose radicalmente fiel al método psicoanalítico, viene demostrando una vitalidad notable en un registro heurístico. Cultivando la atención flotante, el soñador brincante es el propio clínico que se deja tocar por el encuentro vivido con su paciente, para después comunicárselo a sus pares bajo la forma de narrativas. Estas se asemejan a sueños, entendidos esencialmente como visitas del drama existencial, a partir de las cuales es posible "jugar", tanto en el momento de la elaboración del relato existencial, cuanto en el momento de la interlocución con otros profesionales, una vez que la narrativa tiene el don de jamás agotar los posibles sentidos emocionales de un encuentro terapéutico, en si mismo transbordante.

Palabras claves:

Investigación en Psicoanálisis - Winnicott - estilo clínico Ser e Fazer- Narrativas

¹ Professora Livre Docente pelo IPUSP, orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e coordenadora de *Ser e Fazer* do IPUSP, orientadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia e coordenadora do Laboratório de Psicologia Clínica Social da Puc-Campinas, presidente da *NEW* – Núcleo de Estudos Winnicottianos

² Doutora pelo IPUSP, membro de *Ser e Fazer do IPUSP e da NEW*

Narrativas: O Gesto do Sonhador Brincante

"Mãe, de onde eu vinha quando me encontrastes?"

Tagore – O Princípio

Tânia Maria José Aiello Vaisberg³

Maria Christina Lousada Machado⁴

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

O objetivo deste texto é abordar o uso do método psicanalítico na pesquisa acadêmica, focalizando especificamente um momento particular desta empreitada, que denominamos “apresentação do acontecer clínico”.

Esta expressão nos é cara porque significa, de modo evidente, o quanto estamos nos afastando de uma posição epistemológica que tanto crê na possibilidade de coleta de “dados” brutos, que existiriam independentemente do pesquisador, como na possibilidade de distinção nítida entre processos perceptivos e cognitivos – o que nos levaria a admitir que podemos perceber ateoricamente para apenas posteriormente interpretar o significado do percebido. Em outros termos, frisamos nosso afastamento epistemológico do que podemos denominar positivismo empirista ingênuo. É por esta razão que falamos em apresentação do “acontecer” clínico – e não em apresentação do material clínico, de dados ou resultados. O que há a comunicar é um verdadeiro acontecer – fenômeno dotado de alta complexidade e vitalidade, na assunção de uma postura que não se fia na simplificação do real como caminho para a produção de conhecimento sobre o humano. Na verdade, alinhados a uma visão que guarda parentesco próximo com a atitude fenomenológica que valoriza o mundo vivido como solo experiencial a partir do qual o conhecimento pode ser criado/encontrado, concebemos o acontecer clínico como encontro interhumano – mais do que intersubjetivo – evento que não é jamais independente da personalidade do pesquisador.

Veremos, ao final deste texto, que este importante momento da narrativa, que se torna possível pelo uso do método psicanalítico, compreendido de forma ampliada e não literal, será realizado com desenvoltura e vivacidade, se nos colocarmos na posição do sonhador brincante, entendido como o contador de sonhos que fazem parte do viver.

³ Professora Livre Docente pelo IPUSP, orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e coordenadora de *Ser e Fazer* do IPUSP, orientadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia e coordenadora do Laboratório de Psicologia Clínica Social da Puc-Campinas, presidente da *NEW* – Núcleo de Estudos Winnicottianos

⁴ Doutora pelo IPUSP, membro de *Ser e Fazer do IPUSP e da NEW*

A Pesquisa Psicanalítica na Universidade

Atualmente, a produção de pesquisa psicanalítica na universidade é bastante expressiva no Brasil, o que chegou a chamar a atenção de estudiosos de outros países. Comentando a transmissão de conhecimento psicanalítico no mundo, diz Roudinesco (2003):

Ainda que as instituições [psicanalíticas] não estejam em perigo, seu ensino universitário está ameaçado em todo o mundo, ainda que de forma diferenciada segundo os diferentes países. Na Europa, este ensino está em regressão; nos Estados Unidos, limita-se aos departamentos de humanidades (literatura, filosofia, sociologia, história); na América Latina, ao contrário, e sobretudo no Brasil, está fortemente implantado em todos os lugares de formação dos psicólogos clínicos, ou seja, nos departamentos de psicologia; daí a vitalidade do movimento psicanalítico latino americano (...) pg 37

Tornou-se tão importante a produção de pesquisas psicanalíticas na universidade que existe hoje uma idéia, com a qual estou de pleno acordo, segundo a qual a formação do psicanalista não deve ser pensada apenas em termos da clínica supervisionada, do estudo teórico e da análise pessoal, para incluir também a escrita teórico-clínica enquanto pesquisa rigorosa. A experiência de crescimento pessoal e profissional daqueles que estão ou estiveram engajados em processos de pós-graduação acadêmica é uma prova eloqüente de que isto não é algo que se conquiste de uma vez para sempre.... Por outro lado, muitos dos que não conhecem esta experiência pressentem, muitas vezes com grande clareza, a sua potencialidade mutativa no percurso do tornar-se e manter-se psicanalista.

Atualmente, diferentes tipos de trabalho reivindicam-se como pesquisa psicanalítica. A nosso ver, é possível distinguir:

- 1- trabalhos que se baseiam em sessões psicanalíticas – usando o método psicanalítico no atendimento. Em alguns desses trabalhos, poucos, o método psicanalítico é usado também para pensar o acontecer clínico. Outros usam o acontecido para dialogar com autores escolhidos, tendo o dom de sempre comprovar ilustrativamente o que o autor já afirmou. Em outros, este acontecer é

submetido a análises não psicanalíticas, segundo perspectivas do positivismo empírico. Posso, por exemplo, usar uma escala para avaliar uma sessão.

- 2- trabalhos que fazem uso de teorias psicanalíticas como campo sugestivo de hipóteses a serem examinadas por meio de instrumentos psicológicos. Por exemplo, tendo em vista examinar a idéia de que a escolha profissional tem caráter sublimatório, escolho uma profissão tal como cirurgião e aplico uma escala que mede agressividade, comparando estes dados com um grupo de clínicos que não opera. São comuns aqui as escalas e outros instrumentos, como as chamadas técnicas projetivas, usadas segundo uma perspectiva sujeito-objeto.
- 3- Trabalhos que usam o método psicanalítico radicalmente para estudo de manifestações humanas, que abrangem sessões, obras de arte, costumes, instituições, fenômenos coletivos, abordando assim a conduta desde uma perspectiva psicológica – vale dizer, como **experiência dramática dotada de múltiplos sentidos existenciais**. Aqui, aquilo que outros consideram como instrumentos, são vistos como recursos, como procedimentos dialógicos, que estarão a serviço do método psicanalítico, como encarnação do método.

Esta última é a perspectiva que adotamos e sustentamos, numa freqüência assídua ao texto de Bleger (1963), autor que considera que todas as ciências humanas, aí incluída a psicologia quando exercida a partir da escolha de um ECRO psicanalítico, abordam um mesmo e único fenômeno, o acontecer humano, fazendo-o a partir de recortes que consideram grupos de qualidades e dimensões desta complexidade. Bleger repudia o monismo metodológico, segundo o qual existe um único método científico, mas diferentes objetos, configurando a especificidade de cada ciência, para afirmar que existe um único objeto, passível de ser abordado a partir de diferentes métodos – positivista, psicanalítico, dialético, fenomenológico, etc.

Assim sendo, fica claro que a psicologia não é uma ciência que se define pelo estudo de um objeto próprio, a mente, o psiquismo ou o inconsciente, mas sim como uma particular perspectiva de consideração da conduta humana. Esta perspectiva é um recorte que isola metodologicamente a conduta, o acontecer humano, em termos de experiência dramática, inevitavelmente dotada de múltiplos sentidos, muitos deles desconhecidos, inconscientes.

O Uso do Método Psicanalítico na Abordagem do Acontecer Humano

Pensamos que o alcance do método psicanalítico fica muito restrito quando limitado ao dispositivo padrão inventado por Freud para atender individualmente pacientes neuróticos. Vemos tal dispositivo como uma possibilidade de uso do método psicanalítico, que não é única, na medida em que podemos atuar psicanaliticamente em outros dispositivos e situações.

Entretanto, para bem fundamentar o uso do método fora do dispositivo freudiano, torna-se necessário compreendê-lo de modo ampliado, ultrapassando um registro meramente comportamental. Classicamente, o método é visto como conjunção de dois processos: a livre associação e a atenção equiflutuante. As definições clássicas podem ser aqui lembradas:

Associação livre: método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que acodem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea. (Laplanche e Pontalis, 1967/1971,pg 69)

Atenção flutuante ou equiflutuante: modo como, segundo Freud, o analista deve escutar o analisando: não deve privilegiar a priori qualquer elemento do seu discurso, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção. Esta recomendação técnica constitui o correspondente da regra da associação livre proposta ao analisando. (Laplanche e Pontalis, 1967/1971,pg 74)

Como vemos, tais definições incidem especificamente sobre o discurso verbal. Entretanto, não deixamos de considerar que a análise de crianças é ainda psicanalítica, mesmo se não acontece a associação livre – regra fundamental constitutiva – rigorosamente observada em termos discursivos. Afinal, a criança diz brincando...

Ora, à luz das ponderações de Bleger (1963), somos levados, a bem da coerência, a considerar o pensamento e o discurso como casos particulares de uma conjunto maior,

aquele das condutas que expressam a personalidade e que, deste modo, podem ser pensadas como linguagens expressivas. Então, **a regra fundamental é aquela que busca a expressão pessoal enquanto expressão da dramática existencial**. Pode acontecer em registro verbal discursivo ou não. Por outro lado, a atenção flutuante é a nosso ver uma atitude fenomenológica de suspensão de juízos e conhecimentos prévios e de abertura e acolhimento à expressão. Exemplo tocante temos no filme *Dead man walk*, no qual uma freira acompanha um condenado à morte que assassinou brutalmente dois adolescentes, compreendendo-o no sentido de jamais considerar o ato criminoso como exterior ao acontecer humano, conquanto conservasse seus valores que repudiavam, de forma absoluta, o assassinato. De fato, suspensão não é abandono dos valores, conhecimentos e crenças, é exatamente suspensão. Evidentemente, não é uma atitude puramente intelectual, é uma atitude que inclui intelecto e afeto, porque estou diante de um outro que expressa **dramáticas do viver humano**, algo que me afeta, que me implica⁵. Enfim, a atenção equiflutuante é uma atitude que busca conjugar integradamente dimensões afetivas e cognitivas da conduta do analista.

Quando entendemos o método psicanalítico de modo ampliado, pensamos que pode ser usado na abordagem de todo e qualquer acontecer humano. E este acontecer, quando uso este método na pesquisa psicanalítica acadêmica, inclui inevitavelmente a presença do investigador. Se vamos usar o método psicanalítico na abordagem do acontecer humano, seremos levados a levantar algumas questões.

A apresentação do acontecer clínico

Considerando a busca de coerência entre a prática da pesquisa e os pressupostos antropológicos, epistemológicos, metodológicos e éticos que subscrevemos, temos trabalhado a partir do uso do que estamos chamando de narrativas psicanalíticas, concebidas como apresentações do acontecer clínico. Tomamos o termo “apresentação” da teorização winnicottiana quando aborda o complexo fenômeno denominado “primeira mamada teórica”, como um paradigma que descreve, a nosso ver, um tipo de relacionamento particular com a realidade: aquele que permite ao indivíduo sentir-se vivo, real e capaz de gestualidade criadora. Este modelo pode iluminar muitas experiências humanas, não se restringindo ao que acontece com o bebê humano nos primórdios da existência individual, quando o mais

⁵ É importante frisar que o ouvinte só não se afeta quando, em virtude de ansiedades intensas, lança

importante é começar a existir desde seu próprio ponto de vista. (Winnicott, 1945). Tomamos o termo *acontecer* da teorização blegeriana, segundo a qual toda conduta ou manifestação é um acontecer dramático, concretamente situado e dotado de múltiplos sentidos. Na pesquisa psicanalítica, não lidamos com dados, com resultados, mas com a experiência dramática vivida, que só se torna acessível porque estabelecemos, em um dado momento, um encontro interpessoal – um encontro entre personalidades – que será o nosso ponto de partida confiável. Então, o que estudamos, e estudamos intervindo, participando do encontro, constitui-se como um acontecer que será comunicado a outros que não estiveram lá presentes.

Qual é o motivo pelo qual eu narro o acontecer humano – o acontecer humano enquadrado como acontecer clínico? Faço isso para permitir um devir, para permitir novos movimentos, na medida em que a apresentação suscitará **narrativas alternativas**. Estas não se referirão evidentemente ao acontecer primeiro, tomado como originário, do encontro inicial, mas ao que poderá ser acrescentado, transformado, criado/encontrado na narrativa primeira. Enfim, a narrativa não pede que o outro se cale – ou se pronuncie diante de um erro, de uma falha – mas sim que prossiga, que, sentindo-se provocado, no sentido etimológico do termo latino, possa fazer suas associações, possa tecer suas considerações. E o outro, neste caso, não é apenas o colega que participa do mesmo coletivo de pesquisa, mas é o próprio pesquisador que depois do encontro vivido, não é mais o mesmo, que depois da narrativa, não é o mesmo, que é enfim, um ser do tempo, que se modifica a partir das experiências. E a narrativa, diferentemente do relatório de dados, é uma experiência.

O relatório é um texto-objeto coisificado, que existe para ser submetido a juízes. A narrativa é apresentação do vivido, que poderá ser pensada-vivida num momento posterior, porque, quando buscamos integração, o método psicanalítico é um método que envolve o pensar, o sentir e o viver.

A apresentação é compartilhamento, diante do qual a busca de objetividade, no campo das ciências humanas, seria um arremedo pobre. O que se busca não seria a objetividade, a replicabilidade, mas o rigor, do qual me aproximo na medida em que cultivo a **transparência possível**. O conceito de transparência possível, que aqui propomos, é a nosso ver muito importante porque nos lembra que a experiência não apenas transborda nossa capacidade narrativa, como também comporta a coexistência de dimensões comunicáveis e não comunicáveis (Winnicott, 1963). Cremos que toda experiência vivida contém um núcleo

mão de estratégias defensivas que operam pela via da insensibilidade e do afastamento.

incomunicável. Bleger (1966) fala que a sessão é uma instituição indevassável, a nosso ver aproximando-se do que aqui tentamos comunicar.

Estreitamente ligada à questão da impossibilidade de comunicação exaustiva do vivido está o engano de pensar que a narrativa visa permitir ao ouvinte se sentir transportado para o acontecimento passado que está sendo narrado, pela via de uma identificação com quem lá esteve. Evidentemente, tal tipo de pensamento viça em contextos existenciais onde não há espaço para a alteridade, onde tudo deve se reduzir ao mesmo, ao idêntico.

A narrativa faz sentido num contexto epistemológico que não considera a presença do observador como um ruído inevitável, que distorce o verdadeiro e o real. Ao contrário, pensamos que a presença, a pessoalidade do pesquisador é a via de acesso pela qual podemos chegar a produzir conhecimento psicológico sobre a dramática existencial humana. Deste modo, é importante frisar que o processo de elaboração da narrativa parte da idéia de que a pessoalidade do pesquisador é parte constitutiva do acontecer clínico.

Como pensar a narrativa? Primeiro eu vivo a experiência – em nossas pesquisas temos lidado com sessões de oficinas psicoterapêuticas, com consultas terapêuticas coletivas e com consultas individuais para abordagem de personalidades coletivas. A experiência é vivida cuidando de apresentar um enquadre onde o método possa ter lugar. Aqui temos a primeira aparição do método, na configuração do campo experiencial pela via do enquadre⁶. Na oficina, a livre expressão vem pela via do uso da materialidade, nas consultas terapêuticas pelo uso de recursos dialógicos mediadores... O segundo passo é a elaboração de uma narrativa, para num terceiro momento poder apresentá-la ao outro, seja o outro pesquisador, seja eu mesmo que já sou outro depois da experiência narrativa.

Pensando, o método psicanalítico, como articulação da regra fundamental com a atenção flutuante, têm lugar, em nossas pesquisas, em momentos sucessivos diferentes configurações::

- 1- No primeiro momento, tem lugar a experiência do encontro interhumano. Aí a pessoa é convidada a se expressar segundo a regra fundamental – o que pode incluir o uso de um canal de comunicação, tal como um procedimento projetivo – enquanto o pesquisador clínico mantém a atitude de atenção equiflutuante.

⁶ Evidentemente, posso narrar psicanaliticamente experiências que não foram vividas em enquadres psicanalíticos. Por exemplo, posso narrar psicanaliticamente a experiência de assistir um filme, de encontrar casualmente um conhecido, de presenciar uma cena da vida cotidiana. Ou seja, a situação humana narrada pode ter tido lugar – ou não – em campo configurado a partir do uso de enquadre psicanalítico.

- 2- No segundo momento, quando, ao elaborar a narrativa, o pesquisador lembra-se do encontro observando a regra fundamental, associando livremente.
- 3- No terceiro momento e nos momentos subsequentes de contato posterior, quando, diante do texto escrito, pode proceder a uma leitura a partir da atenção equiflutuante.

Este processo poderá dar origem a um texto que versará sobre a narrativa, mas que também albergará interlocuções possíveis com autores que vem sendo freqüentados pelo pesquisador em função de seus interesses. O conjunto formado pela narrativa e pelo texto reflexivo constituirá o todo da pesquisa realizada.

Certa “edição” será necessária tendo em vista a publicação. Entretanto, a primeira narrativa vem como associação livre – este é o motivo pelo qual o termo de consentimento, exigência legal no Brasil, deveria ser assinado pelo próprio pesquisador, pois o paciente, o entrevistado, tem sua identidade preservada, fica anônimo, enquanto pesquisador é conhecido... Na verdade, a edição é necessária para certa preservação da intimidade do pesquisador, questão a ser pensada sempre à luz da recomendação de Winnicott (1962) de que essencial é *“ser eu mesmo e me comportar bem...”*

O Viver, o Sonhar e o Narrar

A narrativa da experiência vivida em encontros configurados segundo enquadres psicanalíticos inclui, necessariamente, a participação do pesquisador, enquanto presença plena. Neste sentido, guardará semelhança inegável com o relato de sonhos, tal como pode acontecer na sessão psicanalítica ou na vida cotidiana, quando alguém conta um sonho, fala sobre uma sucessão de cenas presenciadas, das quais pode participar mais ou menos ativamente.

Todos sabemos sobre a importância que o sonhar – e o contar sonhos – tem no campo psicanalítico. Foi exatamente a partir do estudo freudiano sobre os sonhos que Politzer (1929) pôde perceber que, ao manter-se maximamente próximo da dramática existencial, a “Interpretação dos Sonhos” (Freud, 1900) lança as bases de uma verdadeira psicologia concreta, capaz de alcançar rigor científico sem se desfigurar como simulacro que coisifica manifestações humanas.

Entretanto, o filósofo demonstrou, com argumentação impecável, o quanto Freud se distanciou da dramática concreta ao teorizar em termos fisicalistas e objetivantes, o que se compreende tendo em conta os horizontes culturais e científicos de sua época. Assim, o sonho, cuja narrativa era clinicamente acolhida, em campo interhumano, foi tomado, metapsicologicamente, como ocorrência psíquica “interna”, para a qual a dramática do viver concorreria em fraca medida, sob forma de “resto diurno”. Toda a riqueza cênica manifesta valeria tão-somente para expressar um fundo, desde sempre conhecido, de desejo sexual infantil. Nesta medida, a dimensão onírica pôde ser vista como espécie de prolongamento do estado existencial inicial, postulado por Freud (1911) como aquele de uma mônada autobastante que só se abre para o mundo da vida a partir da frustração de necessidades orgânicas não superadas pela via de uma atividade alucinatória concebida como primária e anterior a todo contato com a realidade. Evidentemente, tais idéias são problemáticas de mais de um ponto de vista e se harmonizam coerentemente com uma antropologia pessimista que não pensa a clínica como possibilidade de transformação significativa do viver (Machado e Vaisberg, 2003).

Entretanto, outro será o estatuto do sonho no contexto do pensamento winnicottiano, que postula uma tendência à auto – realização, situando o humano originariamente em busca do humano. Aqui pode operar-se uma verdadeira inversão no que tange à condição humana: ao invés do sonho servir para evidenciar um isolamento monádico essencial, sua ocorrência evidenciará o quanto somos seres da vida. Os sonhos seriam, desta perspectiva, **visitações dramáticas** ocorridas enquanto dormimos, ou seja, a presença do vivido durante o sono. Nesta linha, o importantíssimo fenômeno do relato dos sonhos – talvez tão fundamental quanto o próprio sonhar – ganha sentido como gesto que restabelece a continuidade de ser do narrador; o sonhar é o brincar que pode acontecer enquanto dormimos⁷.

Será, então, recorrendo a esta última concepção do sonho, como emissário da dramática do viver durante o sono, e da narrativa do sonhos, como fio que consagra a continuidade de ser do sonhador, continuidade esta sempre coexistencial, que pensaremos a narrativa do acontecer clínico à luz desta atividade, que pode fluir bem para muitos, de contar os próprios sonhos. Na nossa cultura, este tipo de narrativa comporta sempre duas dimensões: o relato de acontecimentos e de variações emocionais vividas. Similarmente, em nossas

⁷ É interessante lembrar que muitos autores lançam mão de imagens segundo as quais o brincar pode ser visto como encenação de sonhos. A nosso ver, o importante é pensar que o sonho é o brincar durante o sono, sendo o brincar o melhor modo possível do ser humano posicionar-se diante do mistério da vida.

narrativas psicanalíticas, estas duas dimensões são indissociáveis, estando referidas tanto ao momento do sonhar, quanto ao momento do contar o sonho.

Referências Bibliográficas

- Bleger, J. (1963) *Psicologia de la Conduta*. Buenos Aires, Paidós, 2001.
- Bleger, J. (1966) Psicanálise do Enquadramento Psicanalítico. In *Simbiose e Ambiguidade*. Tradução Maria Luísa Borges. Rio, Francisco Alves, 1988.
- Freud, S. (1900) - *La interpretación de los sueños*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1948
- Freud, S. (1911) - *Los dos principios del suceder psíquico*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1948
- Laplanche, J. e Pontalis, J.B. *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa, Presença, 1967.
- Machado, M.C.L.; Vaisberg, T. M. J. A.. Sofrimento, Sentido e Absurdo: Ilusão Criativa e Ação sobre o Mundo. In: Vaisberg, T.M.J.A; Ambrósio, F.F. (Org.). *Trajetos do Sofrimento: Rupturas e (re)Criações de Sentido*. São Paulo, IPUSP, 2003, v. 1, p. 40-54
- Politzer, G. (1928) - *Crítica dos Fundamentos da Psicologia* (Volumes I e II). Lisboa, Editorial Presença, 1973
- Roudinesco, E.- État de la psychanalyse dans le monde. In R. Major (org) *Etats généraux de la psychanalyse*. Paris, Aubier, 2003.
- Winnicott, D. W.(1945) O desenvolvimento emocional primitivo. In Winnicott, D. W. - *Da pediatria à psicanálise: textos selecionados*. Rio, Francisco Alves, 1978.
- Winnicott, D.W. (1962) Os Objetivos do Tratamento Psicanalítico. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Tradução Irineu Ortiz. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- Winnicott, D.W. (1963) Comunicação e Falta de Comunicação levando ao Estudo de Certos Opostos. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Tradução Irineu Ortiz. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

Autoras:

1 - Professora Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg

e-mail –

Rua Gabriel dos Santos, 749 apto 11

CEP: 01231-011

São Paulo – SP

2 – Dra. Maria Christina Lousada Machado

e-mail – mclmachado@uol.com.br

Rua Elvira Ferraz, 83 apto 82

CEP - 04452-040

São Paulo – SP